

A TALHA DA IGREJA  
DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DO PORTO  
O FORRO DA NAVE CENTRAL E DO TRANSEPTO  
(1732)

por Natália Marinho Ferreira-Alves

1. **Introdução**

A igreja do Convento de São Francisco do Porto é frequentemente apontada com um dos exemplos mais significativos das «igrejas forradas de ouro»<sup>1</sup>, magnífica expressão que define a visão estética dos artistas portugueses da arte da talha (desde entalhadores a douradores) dos séculos XVII e XVIII. Como as igrejas dos Mosteiros de Santa Clara do Porto e de Jesus de Aveiro, entre outras, também a igreja de São Francisco dá relevância ao impacto sensitivo da talha que assume o revestimento total do espaço interior.

Assim, caso frequente no Norte do país, a estrutura arquitectónica medieval desaparece sob a refulgência do ouro, mas funciona como suporte real, possibilitando-se, desta forma, a superação de um problema que é uma constante no panorama artístico português: o desejo de acompanhar as novas tendências estéticas do barroco europeu, e a

---

<sup>1</sup> SMITH, Robert C. — *A Talha em Portugal*, Lisboa, 1963, p. 79.

impossibilidade real de fazê-lo, quer por escassez de meios, quer pela ausência de grandes vultos nacionais no campo da arquitectura.

A igreja de São Francisco surge-nos, pois, como um modelo paradigmático de uma solução inteligente encontrada por clientes e artistas durante o período a que o nosso estudo se reporta. Se no campo da arquitectura, os arquitectos são muitas vezes substituídos por arquitectos amadores ou por mestres pedreiros de arquitectura<sup>2</sup> e se, por outro lado, os meios económicos não permitiam a edificação de novas igrejas, era possível, no entanto, proceder a alterações pontuais como: ampliação ou construção de capelas-mores; novos dormitórios; abertura de janelas mais rasgadas que deixassem entrar a luz necessária a um espaço barroco. É neste contexto que podemos constatar a importância crescente da talha dourada que, de uma função meramente de suporte de pintura e (ou) imaginária, como ocorreu na fase maneirista<sup>3</sup>, passa a desempenhar um papel cimeiro a partir da década de 80 de seiscentos. Lentamente a talha dourada extravasa o espaço correspondente ao retábulo propriamente dito, ocupando as áreas circundantes que, uma vez interligadas, irão gerar o fenómeno acima referido das «igrejas forradas de ouro».

Curiosamente, São Francisco permite-nos ainda acompanhar a evolução da talha portuguesa já que aí se encontram representadas todas as fases — do maneirismo ao neoclássico — e bem assim, graças às suas obras excepcionais, implícita ou explicitamente, os melhores artistas da escola portuense dos séculos XVII e XVIII.

## 2. A talha dourada na Igreja de São Francisco

Embora a talha da Igreja de São Francisco<sup>4</sup> tenha sido sempre objecto de particular atenção por parte dos historiadores da arte, nem todos os espécimes retabilísticos se encontram identificados, sendo também lacunar o conhecimento relativamente a áreas importantes. Assim, desconhecemos ainda a autoria dos púlpitos, sanefa da capela-mor, talha da Capela de São João Baptista (ou dos Carneiros, ou antiga do Sacramento), retábulo-mor e retábulos colaterais (São Benedito,

<sup>2</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. — *O Porto na Época dos Almadás. Arquitectura. Obras Públicas*, Porto, 1988, vol. I, p. 289.

<sup>3</sup> A fase maneirista na talha portuense persiste até ao último terço do século XVII.

<sup>4</sup> FERREIRA-ALVES, Natália Marinho — *Igreja de S. Francisco*, in «Dicionário da Arte Barroca em Portugal», Lisboa, 1989, pp. 423-424.

Santo António, São Francisco, São Boaventura, Reis Magos e Nossa Senhora das Candeias).

Do lado do Evangelho, situa-se a *Capela da Árvore de Jessé*<sup>5</sup>, a que estão ligados três nomes ilustres da talha portuense dos inícios do século XVIII. A execução desta obra primorosa deve-se à parceria dos entalhadores António Gomes/Filipe da Silva<sup>6</sup>, de acordo com o contrato de 9 de Novembro de 1718. No ano seguinte, a 23 de Maio, o escultor bracarense Manuel Carneiro Adão compromete-se a fazer toda a escultura exigida pelo denso programa iconográfico do retábulo.

António Gomes<sup>7</sup> era no seu tempo um dos mestres mais reputados, tendo deixado o seu nome ligado a algumas obras de maior vulto do Norte do país, dos finais do século XVII e inícios do século XVIII, destacando-se pela excelência da execução a do coro e cadeiral da igreja do Mosteiro de Arouca (1722) e a talha da capela-mor da igreja do Mosteiro de Jesus em Aveiro (1725). Quanto a Filipe da Silva<sup>8</sup>, entre os seus inúmeros trabalhos destaque-se a talha da capela-mor da igreja do Mosteiro de São Bento da Ave-Maria do Porto (1707), que seria tida em grande apreço na sua época, e o trabalho feito em parceria com António Gomes no coro do Mosteiro de Arouca em 1722, acima referido.

Ainda do lado do Evangelho, e ladeando a Capela da Árvore de Jessé, encontram-se dois retábulos da autoria de Manuel da Costa Andrade, um dos melhores intérpretes da talha joanina portuense<sup>9</sup>: o de *Nossa Senhora do Socorro* (o primeiro, a partir da capela-mor, e anteriormente conhecido pela invocação de Nossa Senhora do Rosário dos Escravos) e o de *Nossa Senhora da Rosa* (o terceiro, a partir da capela-mor, e anteriormente designado por Nossa Senhora da Graça). O mestre entalhador arremataria a sua execução respectivamente em 1740 e 1743, seguindo para ambos os riscos de Francisco do Couto e Azevedo.

Manuel da Costa Andrade, nestes dois belíssimos exemplares de talha joanina em São Francisco, segue a linha iniciada em 1727 por Luís Pereira da Costa<sup>10</sup> e Miguel Francisco da Silva<sup>11</sup> no retábulo-mor da Sé

<sup>5</sup> GONÇALVES, Flávio — *A Talha da Capela da «Árvore de Jessé» da Igreja de S. Francisco do Porto*, Porto, 1971.

<sup>6</sup> FERREIRA-ALVES, Natália Marinho — *A Arte da Talha no Porto na Época Barroca (Artistas e Clientela. Materiais e Técnica)*, Porto, 1989, vol. I, pp. 97 e 80.

<sup>7</sup> IDEM — *António Gomes*, in «Dicionário da Arte Barroca em Portugal», Lisboa, 1989, pp. 206-207.

<sup>8</sup> IDEM — *Filipe da Silva*, in ob. cit., pp. 446-447.

<sup>9</sup> IDEM — *Manuel da Costa Andrade*, in ob. cit., p. 31.

<sup>10</sup> IDEM — *Luís Pereira da Costa*, in ob. cit., pp. 140-141.

<sup>11</sup> IDEM — *Miguel Francisco da Silva*, in ob. cit., pp. 450-451.

do Porto, que introduzira na talha da cidade o gosto pela cenografia barroca romana. A Miguel Francisco da Silva, provavelmente um dos mentores da escola portuense da época joanina, se devem alguns dos melhores retábulos deste período — a talha da capela-mor da igreja de Santa Clara do Porto (1730) e o retábulo da igreja de Santo Ildefonso (1745), também desta cidade — para além de excelentes riscos para talha, como por exemplo os dos retábulos-mores das igrejas de São João da Foz (1734) e de São Francisco de Guimarães (1743), ambos executados por Manuel da Costa Andrade. Desta forma, a ligação entre os dois artistas é óbvia e se, até este momento, não foi possível detectar a presença de Miguel Francisco da Silva na igreja de São Francisco do Porto, graças a Manuel da Costa Andrade a sua influência é aí palpável.

Do lado da Epístola, tal como acontece no lado do Evangelho, os três retábulos estão datados, sendo também conhecida a sua autoria. O primeiro e o terceiro, a partir da capela-mor, respectivamente o da *Anunciação de Nossa Senhora* (1750) — outrora designado da Encarnação — e o dos *Santos Mártires de Marrocos* (ca. 1750), ambos de Manuel Pereira da Costa Noronha<sup>12</sup>. Este notável entalhador, cuja actividade se vai desenvolver entre os anos 40 e 50, era filho do ilustre Luís Pereira da Costa, um dos maiores nomes do primeiro terço do século XVIII que também deixou a sua marca em São Francisco, já que executou em 1724 a talha da Capela de Santo António<sup>13</sup>, entretanto desaparecida e substituída pela actual. Se bem que influenciado pelo pai, por Miguel Francisco da Silva e Manuel da Costa Andrade, Manuel Pereira da Costa Noronha tem do joanino uma percepção mais evoluída, utilizando nos retábulos da Anunciação e dos Santos Mártires de Marrocos uma linguagem cuja fluidez aponta já a caminho do rococó.

Tal como se verificara nas fases anteriores, o rococó surge em São Francisco pela mão de um artista portuense de renome: Francisco Pereira Campanhã<sup>14</sup>. Da sua autoria é a *Capela de Nossa Senhora da Soledade* (1764), que fica em frente da Capela da Árvore de Jessé, sendo ladeada pelos retábulos de Costa Noronha. Neste mesmo local teria anteriormente existido a Capela da Porciúncula, cujo retábulo fora executado pelo emsamblador e imaginário Francisco Moreira, em 1612<sup>15</sup>.

<sup>12</sup> IDEM — *Manuel Pereira da Costa Noronha*, in ob. cit., p. 318.

<sup>13</sup> BRANDÃO, Domingos de Pinho — *Obra de Talha Dourada, Ensamblagem e Pintura na Cidade e na Diocese do Porto*, Porto, 1985, vol. II, pp. 656-660.

<sup>14</sup> FERREIRA-ALVES, Natália Marinho — *Francisco Pereira de Campanhã*, in ob. cit. pp. 106-107.

<sup>15</sup> BRANDÃO, Domingos de Pinho — ob. cit., 1984, vol. I. pp. 209-212.

Francisco Pereira Campanhã e José Teixeira Guimarães<sup>16</sup> são os dois vultos cimeiros que transmitem nas suas obras toda a elegância, delicadeza e requinte que caracterizou a talha rococó da escola do Porto. Na década de 60 assistimos a uma intensa actividade destes artistas, sendo frequente surgir o seu nome associado às mesmas obras, trabalharem nas mesmas igrejas ou em igrejas vizinhas. A título de exemplo, refira-se que na igreja de *São Nicolau*, José Teixeira Guimarães surge como autor do retábulo e tribuna da capela-mor, em 1754 e de novo em 1760; em 1762-1763, da talha da capela de Santo Elói; e em 1763, do retábulo de Nossa Senhora da Conceição, sendo Francisco Pereira Campanhã o autor do risco destes dois últimos. Na igreja de *Nossa Senhora da Vitória*, enquanto o retábulo-mor (1765) é desenhado e executado por Francisco Pereira Campanhã, os púlpitos (1767) e a sanefa do arco cruzeiro (1769/1770) serão por ele riscados, mas entalhados por José Teixeira Guimarães. Nas igrejas vizinhas de *Nossa Senhora do Carmo* e da *Venerável Ordem Terceira do Carmo* vamos encontrá-los de novo a par: em 1767, na primeira, Guimarães seguindo o risco feito pelo próprio filho — Padre Joaquim Teixeira Guimarães — dá execução ao retábulo e tribuna da capela-mor, enquanto que em 1773, no segundo templo, Campanhã surge-nos como o autor do risco e executante do retábulo e tribuna da sua capela-mor.

Havíamos apontado para o período joanino a ausência da figura de Miguel Francisco da Silva na talha da igreja de São Francisco, ainda que presente através de Manuel da Costa Andrade, artista que tão bem interpretou os seus riscos; a mesma situação volta a repetir-se para o rococó, já que, embora talha desta fase continue por identificar, não dispomos de momento de quaisquer dados que nos permitam encontrar o traço de José Teixeira Guimarães. Apesar disso, a talha rococó portuense tem em São Francisco, com a Capela de Nossa Senhora da Soledade, um verdadeiro ex-libris, sendo uma das obras mais requintadas de Francisco Pereira Campanhã e cujo alto nível de feitura é atestado pelo desenho elegante das belíssimas grades, que contribuem significativamente para transformar o pequeno espaço num escrínio de rara beleza, digno da imagem da Mãe Dolorosa posta à veneração dos fiéis.

---

<sup>16</sup> FERREIRA-ALVES, Natália Marinho — *José Teixeira Guimarães*, in ob. cit. p. 219.

### 3. O foro da nave central e do transepto da igreja

Quando se falava da talha da igreja de São Francisco, referia-se o lamentável desconhecimento da autoria do espectacular forro da nave central e do transepto, juntando-se, assim, aos outros espécimes não identificados que atrás mencionámos.

O revestimento dessa vasta área, cuja realização situávamos<sup>17</sup> entre os anos 30 e 40 de setecentos, representava por parte dos artistas implicados a adopção de um critério inteligente: por um lado, respondia-se à necessidade imediata da feitura da talha, conferindo desta forma ao espaço sacro o cariz barroco desejado; para esse efeito, tomaram como suporte a estrutura arquitectónica existente fazendo com que a talha aderisse a essa superfície de forma quase mimética. Por outro lado, com este trabalho de grande envergadura, não se geraram quaisquer dissonâncias com a talha existente (veja-se, por exemplo, a Capela da Árvore de Jessé), lição essa que seria assimilada por todos os outros artistas que foram deixando as suas obras espalhadas pela igreja (lembrem-se os retábulos dos anos 40, 50 e 60).

Em 1964<sup>18</sup>, Artur de Magalhães Basto referia uma escritura de obrigação de obra para o forro da igreja de São Francisco que, até hoje, se pensava dissesse respeito à obra de carpintaria propriamente dita. A leitura difícil do contrato, apenas apontado pelo ilustre investigador, teria sido com toda a probabilidade a causa impeditiva do seu conhecimento integral. Iniciada uma consulta minuciosa do texto, fomos levados a concluir que, com efeito, a obra não era unicamente de carpintaria, embora os arrematantes fossem carpinteiros — caso de forma alguma inédito<sup>19</sup> — mas incluía também todo o trabalho de talha.

Em 5 de Maio de 1732<sup>20</sup>, era assinado o contrato para a execução da obra do forro da igreja do Convento de São Francisco sendo partes intervenientes, como arrematantes, os mestres carpinteiros Pantalhão da

<sup>17</sup> Por diversas vezes fizémos esta afirmação em conferências proferidas no âmbito da nossa actividade académica.

<sup>18</sup> BASTO, Artur de Magalhães — *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*, Porto, 1964, p. 322.

<sup>19</sup> FERREIRA-ALVES, Natália Marinho — *A Arte da Talha no Porto...*, vol. I, pp. 61-65.

<sup>20</sup> Ver documento transcrito integralmente no final.

Fonseca<sup>21</sup>, Remigio Moreira, José Ferreira Pinto<sup>22</sup> e Manuel Ferreira Machado<sup>23</sup>; e como clientes, os religiosos de São Francisco, o seu Síndico Geraldo Blens e o padre pregador Frei José da Madre de Deus, Presidente *in capite*.

Perante as testemunhas, Francisco Martins e Luís de Sá (ambos oficiais de pedreiro), os mestres carpinteiros comprometiam-se a fazer a obra no prazo de um ano, devendo iniciá-la até 15 de Maio, a contar da data do contrato, apresentando como seu fiador a José de Paiva «homem de negócio», para além de ficarem todos responsáveis entre si pelo cumprimento total da empreitada. Os trabalhos só seriam dados por finalizados após serem vistoriados e aprovados por mestres peritos da arte; no caso de serem detectadas quaisquer deficiências, os artistas ver-se-iam obrigados a repará-las à sua custa. Por toda a obra receberiam cinco mil cruzados, que os clientes iriam dando conforme aquela fosse avançando.

Os mestres Pantalião da Fonseca, Remigio Moreira, José Ferreira Pinto e Manuel Ferreira Machado comprometiam-se a executar — e esta é a cláusula mais importante da escritura — a obra «do teto ha de ser da porta principal da igreja emthe a capella mor da mesma e [...] tambem o cruzeiro da dita igreja desde a porta que vai da samchristia da igreja the o arco da capella do Dezagravo do Sacramento», de acordo com a planta mandada fazer para o efeito pelos clientes, seguindo cuidadosamente os apontamentos que constam no contrato.

Estes apontamentos verdadeiramente preciosos revelam-nos que os artistas em toda a obra seguiriam determinadas directrizes, tais como: «a farão de madeiramento pella planta que se mostra, o qual madeiramento se fara de linhas e serão vinte e quatro no corpo da igreja e de oito em oito palmos cada linha [...] com bons florões e mulduras tudo bem pregado limpo com todo o primor da arte na forma da dita planta [...] o forro da parte de baixo da armassão e a talha e molduras na forma da planta tudo madeira de castanho bem secco e a talha da grossura de tres dedos e o forro grosso onde for necessario e a obra a pedir e premetir».

---

<sup>21</sup> Sobre Pantalião da Fonseca veja-se BASTO, Artur de Magalhães — ob. cit., pp. 321-322.

<sup>22</sup> José Ferreira Pinto é um mestre carpinteiro com actividade conhecida no Porto deste período. Cf. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. — ob. cit. p. 71.

<sup>23</sup> Manuel Ferreira Machado é um dos responsáveis pela execução da obra de carpintaria dos novos dormitórios de São Bento da Vitória, em 16 de Julho de 1741. IDEM, *ibidem*, p. 70.

Assim, para além das recomendações propriamente ditas — a utilização de madeira nova de castanho seca e limpa, o eventual aproveitamento de madeira velha em bom estado e a referência à obrigatoriedade por parte dos carpinteiros de darem tudo o que fosse necessário, desde madeira, chumbo e pregos — estes apontamentos permitem-nos afirmar que a obra do forro da igreja não era unicamente a de carpintaria, mas englobava, de forma inequívoca, o trabalho magnífico de talha.



## DOCUMENTO

«Escritura de obrigação de obra que fazem os mestres carpinteiros Pantaliam de Afonseca, Remigio Moreira, Jozeph Ferreira Pinto e Manuel Ferreira Machado ao Sindico e Relligiosos do Patriarca Sam Francisco desta cidade em 5 de Mayo de 1732.

Em nome de Deos Amen. Saybão os que este publico instrumento de contrato e obrigação de obra ao diante declarada e pella pessoa que deduzida a fiançou ao cumprimento della e mais clausulas condições pennas e obrigações aqui incertas ou como tudo em direito melhor nome e lugar haja e mais firme e vallido seja e possa ser virem que no anno do nacimiento de Nosso Senhor Jezu Christo de mil sette sentos e trinta e dous aos cinco dias do mes de Mayo do ditto anno nesta muito nobre e sempre leal cidade do Porto neste convento do Patriarcha São Francisco della aonde eu tabeliam ao diante nomeado fui vindo e chamado ahy na Caza do Capitulo estavam presentes Giraldo Blens Sindico deste convento e o muito reverendo Padre Pregador Frei Jozeph da Madre de Deos Prizidente in capite do mesmo convento e os mais reverendos padres descreptos deputados e do governo chamados a som de campa tocada como tem de seu bom uzo e louvavel costume todos no fim assignados de huma parte e bem assim de outra parte estando também presentes os mestres carpenteiros Pantalião da Fonseca, Remigio Moreira, Jozeph Ferreira Pinto, Manoel Ferreira Machado todos moradores nesta freguezia de Santo Ildefonso extramuros desta mesma cidade todos elles partes e pessoas que eu tabeliam muito bem conheço pellos mesmos aqui nomeadas e no fim deste instrumento asinadas de que tudo dou fee serem elles os mesmos. E logo ahy por elles dito sindico e mais relegiozos foi dito e disserão todos juntos e por cada hum delles de per sy in solidum que elles intentavão fazer a obra do teto desta sua igreja de Sam Francisco desde a porta principal fronteira the o arco da capella mor e desde a porta que vay da samchristia athe a capella do Dezagravo do Sacramento para o que mandarão fazer uma planta e mandarão meter em pregão a dita obra e depois de aver os laços que nella se derão ultimamente se meterão a justar com elles ditos mestres Pantalião da Fonseca e seus companheiros asima nomeados em lhe darem a dita obra pellos apontamentos seguintes e pello presso ajustado de cinco mil cruzados = Primeiramente disserão elles ditos mestres asima nomeados todos juntos e por cada hum disserão de per sy in solidum que elles por este publico instrumento na melhor forma que em direito haja lugar se obrigavão como logo com effeito se obrigarão todos juntos e per cada

um in solidum a fazerem a obra do teto desta igreja de São Francisco a qual farão de madeiramento pella planta que se mostra, o qual madeiramento se fara de linhas e serão vinte e quatro no corpo da igreja e de oito em oito palmos cada linha e nelle se armarão as thezouras em que se hão de descarregar os tersos e comeeira para se barrotar o barrotamento. Sobre elle se forrara de guardapo em folha de castanho grosso pregado sobreposto hum sobre o outro e as linhas serão gateadas e nas cabessas de huma e outra parte cubertas de chumbo arepadas e o solho de castanho e tudo será de madeira nova aproveitando-se elles mestres da madeira velha aquela que for capas e de outra sorte se não aproveitarão della para a dita obra e o tilhado o farão de valladio. Item que elles mestres se obrigarão a darem toda a madeira pregos e ferros chumbos estadas e tudo o mais que for necessario para a dita obra tudo a sua custa sem alterassão nem demenuição do dito presso de sinco mil cruzados em que se tinhão ajustado. Item que farão elles mestres a dita obra com bons flores e mulduras tudo bem pregado limpo com todo o primor da arte na forma da dita planta sem faltarem nella a couza alguma por que não sendo assim será a dita obra vista por mestres peritos e não a achando estar feita conforme a planta sera desfeita e tornada a fazer a custa delles ditos mestres. Item que a ser necessario abrirem se alguns buracos nas paredes o farão elles mestres sem pouparem a despeza do chumbo e ferragens necessarias para que tudo fique com toda a segurança perduravel. Item que as linhas serão de hum palmo nas pontas e toda a madeira será de castanho bom e o mais pedir e as molduras de castanho secco e limpo; e o forro da parte de baixo da armassão e a talha e molduras na forma da planta tudo madeira de castanho bem secco e a talha da grossura de tres dedos e o forro grosso onde for necessario e a obra o pedir e premetir. Item que esta obra do teto ha de ser da porta principal da igreja emthe a capella mor da mesma e na mesma forma serão elles mestres obrigados a fazerem tambem o cruzeiro da dita igreja desde a porta que vai da samchristia da igreja the o arco da capella do Dezagravo do Sacramento tudo na forma da dita planta e o mais corpo da igreja pondo lhe as linhas necessarias da mesma sorte que as do corpo da igreja as que forem tambem então necessarias dos mesmos palmos de distancia de boas madeiras de castanho limpo e secco. Item que toda esta obra sera pello dito presso dos ditos sinco mil cruzados e se obrigavam elles mestres a darem toda esta obra acabada dentro de hum anno primeiro seguinte que sera seu principio desde o dia da factura desta escriptura penna de que não a dando acabada no dito Janeiro mandarem elles sindico e relegiozos acaballa por conta delles mestres a sua custas delles sendo tudo na forma da planta na qual elles mestres asignarão com o sindico e reverendo Perzidente in capite. Item que elles mestres se obrigão a darem principio a dita obra emthe quinze do prezente mes de Maio deste anno de mil e settecentos trinta e dous. Item que elle sindico e relegiozos derão e hirão dando a elles mestres em dinheiro do presso referido nos apontamentos conforme a obra for merecendo e nesta forma dos apontamentos asima referidos e obrigações asima declaradas aceitarão elles ditos mestres a dita obra e se obrigarão todos juntos e cada hum de per sy in solidum a darem cumprimento a dita obra na forma da dita planta que fizerão com todo o primor da arte e boas madeiras tudo na forma asima declarada de que disserão juntos e cada hum in solidum obrigavão suas pessoas e todos os seus bens assim moveis como de rais presentes e futuros havidos e por haver direito e accoens delles e tersos de suas almas obrigados todos juntos e hum por todos e para maior firmeza e segurança desta sua obrigação logo por elles mestres foi presentado por fiador e principal pagador a Jozeph de Paiva homem de negócio morador na rua dos Canos desta mesma cidade o qual ahi estava presente que he pessoa que eu tabaliam muito bem conheço e pello proprio aqui nomeado e no fim deste instrumento

tambem assignado que dou fee ser elle o mesmo. E logo ahi por elle foi dito e disse na prezença e das mesmas testemunhas que elle muito de sua livre e expontanea vontade e sem constringimento de pessoa alguma que a isso o obrigasse ou constringesse ficava como logo com effeito ficou por fiador e principal pagador delles ditos mestres Pantalião da Fonseca, Rimigio Moreira e Jozeph Ferreira Pinto e Manoel Machado aqui dar cumprimento a esta escriptura<sup>(\*)</sup> elles fassão a dita obra na forma da planta e assim e na forma que elles por esta escriptura se tem e ficão obrigados e que faltando elles se obriga elle seu fiador e principal pagador a tudo por e satisfazer a sua custa de sua caza e bens e fazenda como principal obrigado para o que disse obrigava sua pessoa e todos os seus bens moveis e de raiz presentes e futuros havidos e por haver direito e acçoens delles e tersos de sua alma, em fee de verdade assim o disserão e outorgarão elles mestres Pantalião da Fonseca, Remigio Moreira, Jozeph Ferreira Pinto e Manoel Machado e elle seu fiador e principal pagador Jozeph de Paiva e de todos elles o aceitarão elle syndico e relligiosos<sup>(\*)</sup> disserão juntos a cada hum in solidum em seus nomes e de todos os seus subcessores e convento, aceitavão como com effeito aceitarão esta escriptura de obrigação de obra assim e na forma que por elles mestres hera feita e elle syndico se obrigou tambem a comcorrer com o dinheiro e pagamento da dita quantia de sinco mil cruzados conforme a dita obra for merecendo; e nesta forma se obrigarão todos elles partes; e nos nomes que representão esta escriptura inteiramente cumprirem e goardarem inviolavelmente como nella se conthem e a não reclamarem revogarem nem contradizerem por modo algum que seja em todo nem em parte per sy nem por outra maneira e não farão alem desta soma de dinheiro e por tudo nellas deduzido suas dependencias e requizitos dellas se obrigarão elles partes a responderem dentro nesta mesma cidade perante o Doutor Corregedor de Civel da Corte desta Rellação e ou do Doutor Juiz de Fora do Geral da mesma cidade para o que disserão dezaforavão dos juizes e justiça de seos foros e renunciavão todas as leis, privilegios e liberdades as que se possão e devão chamar ferias gerais e expeciais que he por tambem geral renunciação das leis com tudo o mais que se lhes fas e fazer se possa o seu favor renunciando a geral e expecial cada hum per sy assim o tornaram a outorgar e aceitar de parte a parte e de tudo requererão a mim tabeliam em este instrumento neste meu livro de notas lhes escrevesse e delle lhe passasse os treslados necessarios da mesma. E eu tabeliam como pessoa publica estipulante e aceitante tudo estipulei e aceitei delles partes outorgantes e em nome a favor das pessoas ou pessoa a isto ausentes futuramente presentes que pode competir e tocar tudo o aqui contheudo tanto quanto em direito devo e posso requerer por rezão de meu officio e declararão elles mestres e relligiosos que as ripas serão de emcovinhas para o chanfro e se for largo no meio se pora huma ripa assim o tornarão a outorgar e aceitar de parte a parte. Eu tabeliam dei todos os treslados sendo destemunhas presentes que com elles partes assignarão depois de tudo lhes ser lido e declarado que forão Francisco Martins morador em a Porta de Carros desta cidade e Luis de Saa morador na freguesia de Esmoriz ambos officiais de pedreiro e eu António de Lacerda tabeliam que o escrevi.

Frei Jozeph da Madre de Deus. Prezidente in capite  
Frei Manoel dos Serafins. Ex-definidor. Discreto deste convento  
Frei Nicolau de Santa Roza de Viterbo. Vigario do clero e discreto do convento  
Geraldo Blens. Syndico Appostolico do convento de São Francisco do Porto  
Frei Zacharias de Jesus. Deffinidor discreto do convento  
Remigio Moreira

Pantalião da Fonseca  
 Joseph Ferreira Pinto  
 Manoel Ferreira Machado  
 Joseph de Paiva  
 De Francisco + Martins (testemunha)  
 De Luis + de Sá (testemunha).»

*Pantalião da Fonseca*  
*Demigio Mery*  
*Manoel de Paiva*  
*Manoel Ferreira Machado*  
*Joseph Ferreira Pinto*

(Arquivo Distrital do Porto, PO — 4.º, n.º 171, fls. 114v.º — 116)

---

\* Palavras ilegíveis.



(Forro da nave central da igreja de São Francisco do Porto)

